CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O Trilho do Gato – William A. Wellman
13 e 27 de Janeiro de 2026

Magic Town /1947

A Cidade Mágica

um filme de **William A. Wellman**

Realização: William A. Wellman *Argumento*: Robert Riskin *a partir de uma história de* Robert Riskin, Joseph Krumgold *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco, 1:1,37): Joseph F. Biroc *Som* (RCA): John Trobby, Terry Kellum *Montagem*: Sherman Todd, Richard G. Wray *Direcção artística*: Lionel Banks *Cenografia*: George Sawley *Assistente de realização*: Arthur Black *Música original*: Roy Webb *Direcção musical*: Constantin Bakaleinikoff *Canções*: "Magic Town"; "My Book of Memory" *Interpretação*: James Stewart (Rip Smith), Jane Wyman (Mary Peterman), Kent Smith (Hoopendecker), Ned Sparks (Ike Sloan), Wallace Ford (Lou Dicketts), Regis Toomey (Ed Weaver), Ann Doran (Sra. Weaver), Donald Meek (Sr. Twiddle), E.J. Ballantine (Moody), Ann Shoemaker (Ma Peterman), Howard Freeman (Nickleby), Mickey Kuhn (Hank Nickleby), Harry Holman (Presidente da Câmara), Mary Currier (Sra. Frisby), Mickey Roth (Bob Peterman), Frank Fenton (Birch), Goerge Irving (Senador), Julia Deane (mulher do senador), etc.

Produção: William A. Wellman Production *para a* RKO (EUA) *Produtor RKO*: Robert Riskin *Título de trabalho*: The Magic City *Cópia*: DCP, preto-e-branco, versão original falada em inglês, legendada em castelhano e eletronicamente em português *Duração*: 102 minutos *Estreia*: 7 de Outubro de 1947, RKO Palace, Nova Iorque *Estreia comercial em Portugal*: 16 de Junho de 1949, no cinema Politeama *Primeira apresentação na Cinemateca*: 9 de Novembro de 1993.

Nota
Originalmente escrito em 1993, o texto de Frederico Lourenço foi distribuído nessa única passagem de **Magic Town** na Cinemateca e editado agora, em 2026, no presente contexto.

MAGIC TOWN é um filme espantoso que deve a sua força ao trabalho conjunto de quatro grandes profissionais: William A. Wellman, Robert Riskin, James Stewart e Jane Wyman. De formas diferentes, todos eles contribuíram para o milagre, constituindo, em bloco, os "sine quibus non" desta obra de arte. O "pai" do projecto foi Riskin, do qual MAGIC TOWN foi o primeiro filme, Não só produziu o filme, como escreveu o argumento e controlou minuciosamente as filmagens, de forma a que o resultado final correspondesse àquilo que idealizara. A escolha de Wellman como realizador foi inspirada (talvez só Capra pudesse ter feito com este argumento uma obra-prima equivalente), facto que é atestado pelas inúmeras subtilezas em que o filme abunda. E o "cast" foi outra inspiração feliz, cada actor absolutamente perfeito para o papel que desempenha, começando por James Stewart, que pura e simplesmente é a personagem, e por Jane Wyman, uma actriz desigual e por vezes desinteressante noutros filmes, que tem aqui um dos maiores papéis da sua carreira.

O argumento de Riskin é invulgarmente complexo para um filme que funciona de modo tão transparente e simples, sobretudo no que diz respeito ao "prólogo" em Nova Iorque, antes de a acção passar para a cidade de província retintamente americana que é Grandview. Stewart faz o papel de um especialista de sondagens, que quer provar que é possível fazer sondagens de opinião válidas a nível nacional a partir de uma pequena cidade "representativa" do modo de viver e de pensar americano. No referido "prólogo" o herói está na mó de baixo, pois ninguém acredita no seu "*mathematical miracle*". Com a confiança e a força de vontade típicas da *persona* cinematográfica de Stewart, Rip Smith consegue provar que tem razão, só que a divulgação da sua descoberta dá para o torto e acaba por invalidar aquilo que pensava ser a sua vocação. Sim, porque o espectador é o primeiro a descobrir que a vocação de "fura-vidas" não é a

verdadeira missão de Rip: ao chegar a Grandview e ao ser aceite por toda a gente devido àquilo que há de mais positivo e altruísta na sua personalidade, Rip vai experimentar uma transformação que, no final, o irá pôr no seu verdadeiro caminho.

A transformação de Rip a seguir ao "prólogo" tem como contrapartida a transformação subtil do próprio tema do filme. A questão das sondagens vai ser progressivamente postergada para segundo plano e o que interessa mais ao realizador e ao argumentista é a caracterização do ambiente peculiar da cidade de província, com as hipóteses que isso dá para desenvolver o tema da "comédia humana" numa sociedade em ponto pequeno que, tal como sucede com as sondagens, é aplicável a um âmbito mais abrangente. Neste contexto o jornal da cidade, de que Mary (Jane Wyman) é "acting editor", tem um papel fundamental como barómetro moral da comunidade. Quando da sua primeira entrada impetuosa na redacção do jornal, Rip é logo reconhecido como herdeiro espiritual do falecido director (pai de Mary): a voz e a maneira de ser são exactamente as mesmas do endeusado Paterman, o que aponta (como já se referiu) para o facto de Rip ser o último a reconhecer a sua verdadeira vocação. A questão das sondagens volta a adquirir importância mais para o final do filme, desta vez para vincara sua função de símbolo de ganância e de desumanidade, fornecendo o contraste necessário à imposição do ideário simples e altruísta que o filme pretende veicular.

Não faltam momentos inesquecíveis em MAGIC TOWN, mas o mais memorável de todos será a sequência em que Stewart e Wyman recordam as suas respectivas infâncias numa sala de aula, desatando ambos a recitar poemas diferentes: Stewart recita *The Charge of the Light Brigade;* Wyman recita *Hiawatha*. No meio do barulho, aparece um velho contínuo que, por sua vez, começa a recitar parte do célebre monólogo da Juliata shakespereana. A sequência do ginásio, em que Rip e Mary descobrem que estão apaixonados, é também inesquecível pelo seu misto de humor e de delicadeza, um momento verdadeiramente antológico da arte desse grande cineasta que foi William A. Wellman.

Frederico Lourenço